Prólogo

Paola Berenstein Jacques

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

JACQUES, P. B. Prólogo. In.: *Fantasma modernos*: montagem de uma outra herança v. 1 [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 51-111. ISBN: 978-65-5630-196-9.

<https://doi.org/10.7476/9786556301969.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prólogo

HERANÇAS

Para pensar em hereditariedade, nossos ancestrais nos determinam profundamente, **quanto à herança, somos nós que escolhemos nossos ancestrais.**

Patrick Geddes (1924, tradução e grifos nossos)¹.

Da influência do antigo. Esta história é fabulosa para contar.
História de fantasmas para gente grande.

Aby Warburg (1929, tradução e grifos nossos)².

Warburg é nossa assombração, ele está para a história da arte como estaria um fantasma não redimido – um *dibbuk* – para a moradia que habitamos. Uma assombração? É algo ou alguém que volta sempre, sobrevive a tudo, reaparece de tempos em tempos, enuncia uma verdade quanto à origem. É algo ou alguém que não podemos esquecer. Mas que, entretanto, é impossível reconhecer com clareza. Warburg, nosso fantasma: em algum lugar dentro de nós, mas dentro de nós inapreensível, desconhecido.

Georges Didi-Huberman (2002, tradução nossa)³.

A partir da bela evocação de um grande *dibbuk*, Aby Warburg – o fantasma errante não redimido, que assombra até hoje o campo da história da arte –, feita de forma brilhante nos últimos anos por Georges Didi-Huberman⁴, tanto para problematizar quanto para ampliar esse campo disciplinar, propomos seguir essa mesma tática evocativa, um tipo de necromancia, que poderia ser chamada, seguindo Warburg, de “história de fantasmas para gente grande” (*Gespenstergeschichte für ganz Erwachsene*), para evocar quem nos parece ser também um grande *dibbuk* no campo do urbanismo: Patrick Geddes. Se Warburg, como propôs Georges Didi-Huberman, é um fantasma para a história da arte, Geddes é um fantasma para o campo do urbanismo. Essa sua evocação é uma forma de reivindicação de nossa herança moderna, pois, como disse o próprio Geddes, na “herança, somos nós que escolhemos nossos ancestrais”.

Tanto Warburg como Geddes, este em menor proporção, reapareceram recentemente para assombrar os campos disciplinares mais rigidamente delimitados e especializados. Retomando a formulação de Didi-Huberman, um *dibbuk* “volta sempre, sobrevive a tudo, reaparece de tempos em tempos”. Warburg teria, ele próprio, se transformado em um tipo de sobrevivência (*Nachleben*), no seu próprio tema de trabalho (*Nachleben der Antike*) durante toda a vida. Como veremos, em toda sobrevivência, no sentido warburguiano, o que sobrevive de uma época, ao ressurgir em outra

diferente, o faz sempre de forma impura, complexa e de difícil compreensão. Essa impureza fundamental da sobrevivência, tanto temporal quanto formal, é o que parece mais assustar, até hoje, tanto o campo da história da arte quanto o campo do urbanismo, ainda bastante formalista e teleológico. Warburg e Geddes – este, um generalista convicto – são espectros errantes que atravessavam, e ainda atravessam, vários campos ou paredes disciplinares do saber, provocando desvios, deslocamentos, de forma talvez profética, de “saberes por vir”, como diz Didi-Huberman sobre Warburg:

(...) a obra warburguiana pode ser lida como um texto profético e, mais exatamente, como a profecia de um *saber por vir*. (...) Warburg dizia a seu próprio respeito que ele menos fora feito para existir do que para ‘persistir [eu diria insistir] como uma bela lembrança’. É bem esse o sentido da palavra *Nachleben*, esse termo do ‘pós-viver’: um ser do passado que não para de sobreviver. Num dado momento, seu retorno em nossa memória torna-se a própria urgência, a urgência anacrônica do que Nietzsche chamou de inatual ou *intempestiva*. Assim seria Warburg nos dias atuais: um sobrevivente urgente para a história da arte. Nosso *dibbuk*. O fantasma da nossa disciplina, falando-nos, a um tempo, de seu (nosso) passado e de seu (nosso) futuro (2013 [2002], p. 29).

Trata-se, portanto, de uma forma inatual ou intempestiva, no sentido proposto por Nietzsche, de evocação da memória para “persistir como uma bela lembrança”, no dizer de Warburg, através desses fantasmas modernos. Trata-se também de um reconhecimento da impureza fundamental do(s) tempo(s)⁵, sem buscar colocá-la em qualquer tipo de esquema mais ordenado ou linear. Contrariamente a certas disciplinas modernas, ditas científicas, positivas ou racionalistas – que, portanto, não acreditam mais em fantasmas – reivindicamos essa herança fantasmática do próprio momento da separação e da especialização disciplinar. Tanto Warburg quanto Geddes, os dois ancestrais modernos que escolhemos como herança, atuaram nesse momento da formação moderna das diferentes disciplinas, na Europa do final do século XIX, início do XX, para problematizar e buscar a ampliação desses campos, visando a transformar as fronteiras disciplinares no que Walter Benjamin chamou de experiências liminares.

Tornamo-nos muito pobres em experiências liminares. O adormecer talvez seja a única delas que nos restou. (E com isso o despertar) (...) O limiar (*Schwelle*) deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira (*Grenze*). O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwollen* (inchar, entumescer), e a etimologia não deve negligenciar esses significados (2009 [anos 1930], p. 535)⁶.

Seria interessante pensarmos os estudos transdisciplinares como experiências liminares, ou seja, pensarmos o próprio limiar (*Schwelle*, como proposto por Benjamin) como o princípio da transdisciplinaridade, da criação de uma necessária zona de transição e tensão – pois construída a partir de encontros, fricções e conflitos entre campos disciplinares distintos – para buscarmos uma compreensão ampliada dos diferentes processos culturais e urbanos. Qualquer experiência de apreensão mais complexa das cidades, como a proposta por Geddes no momento da emergência do próprio campo disciplinar do urbanismo, ou ainda das culturas – como a proposta por Warburg ao buscar a ampliação do debate histórico em artes – nos levaria a adentrar essa difícil e arriscada, mas também instigante e potente, zona de transição e tensão, no limiar entre vários campos disciplinares distintos.

Aby Warburg (1866, Hamburgo – 1929, Hamburgo, Alemanha) e Patrick Geddes (1854, Ballater, Escócia – 1932, Montpellier, França) foram contemporâneos mas não se conheceram. Alguns trabalhos diretamente relacionados às pesquisas de Geddes, doze anos mais velho que Warburg, como alguns dos *Cities Surveys* de cidades britânicas – um tipo de “atlas de cidades” – podem ser encontrados na biblioteca do Instituto Warburg em Londres, onde também estão as fotografias remanescentes do famoso *Atlas Mnemosyne*, realizado por Warburg ao final de sua vida.

Como veremos, tanto Geddes quanto Warburg continuam sendo sempre considerados e lembrados como grandes “pioneiros” de diversas disciplinas; no entanto, tiveram suas principais ideias sistematicamente esquecidas, apagadas, naturalizadas ou simplificadas ao extremo por seus discípulos e seguidores.

A partir da evocação feita por Georges Didi-Huberman, mas também de outras anteriores como a de Philippe-Alain Michaud, as ideias mais complexas de Warburg, que ficaram por longo tempo esquecidas, ou em latência, sem ressonância, já são hoje amplamente debatidas nos campos das artes, da história da arte, da antropologia visual, entre outros. Boa parte de seus textos foram recentemente reunidos, publicados ou republicados, traduzidos em várias línguas e países, inclusive no Brasil⁷. Warburg foi reconhecido como o grande “pai fundador da iconologia” – a disciplina que pensa as imagens ou, melhor dizendo, a disciplina que pensa por imagens – graças aos necrológios em sua homenagem, escritos por intelectuais consagrados como o filósofo Ernst Cassirer, reitor da Universidade de Hamburgo, ou ainda pelo historiador da arte, Erwin Panofsky, seu discípulo mais conhecido. Não obstante, como explicou Didi-Huberman, “sua obra logo se apagaria por trás do trabalho tão mais claro e distinto, tão mais sistemático e tranquilizador de Panofsky” (2013 (2002), p. 27). Mas, apesar de todo o reconhecimento e respeito demonstrados, até essa evocação mais recente, suas ideias

mais complexas não tinham sido atualizadas nem acompanhadas de uma compreensão mais refinada. No entanto, elas revolucionaram completamente a história da arte.

(...) com Warburg, a ideia de arte e a ideia de história passaram por uma reviravolta decisiva. Depois dele, já não estamos *diante da imagem e diante do tempo*, como antes (...). A história da arte segundo Warburg é justamente o contrário de um começo absoluto, de uma tábula rasa: é, antes, um turbilhão no rio da disciplina, um turbilhão – um momento-agitador – depois do qual o curso das coisas se haverá desviado profundamente, ou até transtornado (Didi-Huberman, 2013 [2002], p. 26).

Em trabalho realizado por Fritz Saxl e Gertrud Bing, assistentes de Warburg, sua biblioteca foi transferida de Hamburgo para Londres durante o regime nazista, transformando-se no prestigioso Instituto Warburg, hoje associado à Universidade de Londres. Os responsáveis pelo Instituto, entretanto, parecem ter se dedicado e se interessado, ao longo desses anos, mais pelos temas trabalhados por Warburg – em particular, o renascimento italiano e a antiguidade clássica – do que por sua forma peculiar de trabalho por imagens e montagens, ou por sua forma revolucionária de pensamento e de produção de conhecimento. Uma exceção é a forma de ordenação da biblioteca do Instituto, que se mantém até hoje como sutil reminiscência da época de

Warburg, seguindo a sua “lei da boa vizinhança”, e não uma catalogação biblioteconômica padrão. Pelo Instituto e pela Biblioteca, passaram vários intelectuais renomados, mas foram poucos os que se interessaram de fato pelas ideias teóricas e metodológicas mais inovadoras, desafiadoras e desestabilizantes de Warburg, entre eles, Walter Benjamin, seu contemporâneo, que não chegou a frequentar a fantástica biblioteca – apesar de sua tentativa frustrada de aproximação – e, mais tarde, Carlo Ginzburg, Giorgio Agamben e o próprio Georges Didi-Huberman.

Outro “fantasma” moderno evocado neste trabalho é Patrick Geddes, considerado e reconhecido ainda em vida como um dos “pais fundadores” do *town planning* – aqui traduzido como urbanismo⁸ – e, no Reino Unido, sobretudo após sua morte, tido como um “pioneiro” da sociologia e da geografia, da geografia regional e cultural, mas também da ecologia humana, urbana, e até mesmo dos estudos urbanos de gênero. Alguns estudos recentes buscam relemburar o protagonismo de Geddes nesses campos, especialmente nos dos estudos sociais e da sociologia. Um dos textos, publicado na revista da *Sociological Research*, tem precisamente como título “The Ghost Patrick Geddes” (O fantasma Patrick Geddes)⁹. Geddes parece ter sido ainda mais esquecido no campo das ciências sociais e da sociologia, como mostraram recentemente John Scott e Ray Bromley no livro *Envisioning Sociology*:

Neste livro, analisamos o trabalho e as ideias do círculo de Geddes [*Geddes circle*]. Muitas dessas pessoas, no entanto, foram marginalizadas e suas ideias esquecidas. Uma pergunta importante a ser feita é, portanto, por que deveriam ter sido esquecidas? (...) De fato, muitas de suas ideias foram redescobertas independentemente por sociólogos mais recentes, muitas vezes em completo desconhecimento das discussões anteriores (2013, p. 209, tradução nossa).

Geddes também foi tido como o “inventor” do planejamento regional, do biorregionalismo e da chamada educação ambiental. Apesar de não usar o termo, ele propunha para os bairros, desde o século XIX, jardins comunitários e hortas autogeridas¹⁰. Criou uma série de termos relacionados ao estudo da região até hoje utilizados no campo do urbanismo e do planejamento urbano, como “conurbação” ou “megalópole”. Geddes, mesmo ainda mais timidamente do que Warburg, também tem ressurgido de forma fantasmática em alguns debates recentes, sobretudo a partir das preocupações contemporâneas com a questão ambiental, com a dita “sustentabilidade”, assim como com algumas atualizações de questões ecológicas, como o chamado “ecourbanismo”. No entanto, suas ideias mais interessantes sobre as questões urbanas também parecem ainda ser bem pouco conhecidas, quem dirá compreendidas. Talvez tenham sido mesmo simplesmente ignoradas.

Enquanto Warburg buscava, de dentro de seu próprio campo, ampliar as fronteiras disciplinares da história da arte em direção ao que ele denominou como “ciência da cultura” (*Kulturwissenschaftliche*) – que hoje seria chamada genericamente de estudos culturais ou, de forma mais específica, de antropologia visual ou antropologia das imagens, como prefere Georges Didi-Huberman – Patrick Geddes transitava, de forma errante, entre vários campos disciplinares distintos, como biologia, botânica, sociologia, geografia, história, antropologia, urbanismo, preservação ambiental, cultural e urbana, entre outros, para se aproximar do que ele chegou a designar como “ciência da cidade”, ou, mais precisamente, como “ciência da vida nas cidades”, algo que hoje poderia ser chamado genericamente de estudos urbanos, mas que ainda preferimos chamar de urbanismo. Um urbanismo como campo ampliado ou experiência liminar, necessariamente transdisciplinar.

Tanto Geddes quanto Warburg eram contra o excesso de especializações disciplinares em curso no final do século XIX e início do XX. Eram também bem críticos tanto em relação à noção funcionalista e tecnicista de progresso, quanto com os diferentes formalismos estilísticos. Ambos iam além de uma crítica “romântica” e nostálgica da sociedade industrial, que Geddes chamou de paleotécnica¹¹; ambos eram, no entanto, profundamente modernos. Faziam uma crítica moderna aos excessos da própria modernização, criticavam

sobretudo a simplificação do pensamento e da produção de conhecimento, justamente no momento da maior especialização disciplinar moderna, em particular das ciências humanas e sociais. Isso poderia também explicar, em parte, a falta de ressonância encontrada por suas ideias e “métodos” mais complexos, sempre considerados pelos diferentes especialistas, cada vez mais puristas, como confusos, ambíguos, pouco claros, pouco “científicos”.

As demais razões para terem sido “esquecidos”, apesar do reconhecimento do importante “pioneirismo” de ambos, tornando-se assim *dibbiks*, parecem ser bastante semelhantes. Além das questões mais íntimas e de personalidade de cada um – como a dita “excentricidade” de Geddes ou os conhecidos problemas de saúde mental de Warburg, que ficou anos internado em clínicas psiquiátricas –, as relações institucionais e acadêmicas de ambos, fator relevante de reconhecimento intelectual, eram bem frágeis. Warburg colaborou com a Universidade de Hamburgo (criada em 1919) dando aulas e palestras, mas quase sempre em sua própria biblioteca, pois nunca foi professor efetivo; Geddes, por sua vez, após passagem provisória pela Universidade de Edimburgo em 1880, obteve um contrato parcial na Universidade de Dundee (Escócia), que durou de 1888 a 1919, como professor de botânica, para lecionar somente no verão. Só em 1920, aos 66 anos, assumiu uma cadeira plena, de sociologia e “*civics*”, na Universidade de Bombaim, na Índia.

Outra questão, talvez a que melhor explique esse duplo “esquecimento” fantasmático, parece ter relação com a forma de transmissão e de exposição de ideias dos dois *dibbuks*. Não obstante alguns livros e textos importantes publicados ainda em vida, nem Geddes nem Warburg tiveram a escrita como forma preferencial de difusão de conhecimento: ambos tinham uma forma processual e bastante visual de formular seus argumentos. Enquanto Warburg expunha seus inúmeros painéis móveis com montagens de centenas de imagens intercambiáveis, Geddes criava diferentes diagramas em folhas de papel dobráveis, que ele chamava de “máquinas pensantes” (*thinking machines*). Muitos textos publicados pelos dois, sobretudo por Geddes, eram falas retranscritas, que, mantendo o caráter barroco da oralidade, não recuperavam ou faziam qualquer tipo de referência direta às apresentações visuais ou diagramáticas que acompanhavam essas falas. No caso de Warburg – que não difere de Geddes em seu processo obsessivo –, o caráter mais fantasmático de sua obra foi bem resumido por Didi-Huberman como um:

(...) imenso labirinto dos manuscritos ainda inéditos, as anotações, esboços, esquemas, diários e correspondência, que Warburg mantinha incansavelmente, sem jogar nada fora, e que os editores até hoje ainda não souberam reunir de forma ponderada, a tal ponto é desconcertante o seu aspecto caleidoscópico (2013 [2002], p. 28).

Esse “aspecto caleidoscópico”¹² – encontrado tanto em Geddes quanto em Warburg – é um sinônimo da modernidade para Walter Benjamin¹³, e parece resultar de uma forma de pensar experimental que poderia ser resumida no que Geddes chamava de “visão sinóptica”. Não se tratava exatamente de um tipo de síntese final, mas sim de uma disposição simultânea de imagens distintas – não necessariamente fotografias, desenhos ou reproduções, mas sim “imagens de pensamento”, *Denkbilder* no sentido benjaminiano¹⁴ – que eram colocadas lado a lado, em um tipo de montagem de campos disciplinares, de tempos e de espaços heterogêneos.

O caleidoscópio¹⁵ também proporciona esse tipo de montagem “mágica”, criada a partir das configurações, composições e imagens sempre diferentes. Essas composições sempre renováveis são resultantes de um tipo de movimento errante, de uma desmontagem na própria estrutura do que está sendo visto, e também de uma desmontagem das formas como essas estão sendo vistas, como também das formas de observação, de exposição e de transmissão.

Benjamin, em uma das suas “imagens de pensamento”, sobre San Gimignano na Toscana, afirma que a maioria das suas *Denkbilder* foram escritas sobre suas próprias experiências urbanas: “Achar palavras para aquilo que se tem diante dos olhos – quão difícil pode ser isso! Porém, quando elas chegam, batem contra o real com pequenos martelinhos até que, como chapa de cobre, dele tenham extraído a imagem”

(Benjamin [1928] 1987, p. 203). Em outra *Denkbild*, Benjamin escreveu: “É sabido que o dizer não é apenas a expressão do pensamento, mas também sua realização. Do mesmo modo, o caminhar não é apenas a expressão do desejo de alcançar uma meta, mas também sua realização” (Benjamin [1928] 1987, p. 268).

Trata-se assim não somente de uma forma singular, claramente exploratória, de expor e explorar ideias, mas também de uma forma de pensar processualmente ao apresentá-las, sempre buscando as relações entre as mais distintas imagens e formas de pensamento. Também é bastante recorrente, em textos tanto sobre Geddes quanto sobre Warburg, uma série de considerações sobre a dificuldade para a escrita dos dois pensadores, o que chegou mesmo a ser reconhecido por ambos. Geddes, por exemplo, deixou clara sua impaciência ao terminar seu livro mais conhecido, *Cidades em Evolução* (*Cities in evolution*), descrevendo-o como um “livro entediante” (carta de 1914 escrita em sua viagem marítima para a Índia). Ele costumava se referir a seus próprios ensaios como um “mon-te de estrume”, enquanto Warburg costumava comparar sua forma de escrever a uma “sopa de enguias”.

Enquanto Warburg deixou muitos textos não publicados, manuscritos de difícil compreensão ou inacabados, Geddes publicou em formatos variados e perecíveis, como panfletos (sobretudo do *Cities Committee* da *Sociological Society*), catálogos ou guias de exposições, revistas, *Surveys* (levantamentos) e

inúmeros relatórios sobre cidades (*Reports*). Os arquivos de ambos ainda não foram plenamente explorados¹⁶. Nenhum dos dois conseguiu deixar aquilo que Geddes chamou de *opus syntheticum*, embora ele tenha insistentemente tentado convencer Lewis Mumford – que ele considerava seu mais brilhante discípulo e herdeiro intelectual – a ajudá-lo nessa árdua tarefa. Mumford, apesar de sempre reconhecer a importância de Geddes como seu grande mestre, se recusou a colaborar, preferindo publicar seus próprios livros individualmente e, assim, difundir as ideias geddesianas a partir de sua própria interpretação. Geddes, ao contrário, como seus amigos geógrafos anarquistas mais próximos, Élisée Réclus e Piotr Kropotkin, apostava sempre na ideia de cooperação, no trabalho coletivo e cooperativo, preferindo sempre que possível trabalhar em grupo – sobretudo nos trabalhos de campo, nos *workshops* e nos seus famosos *summer meetings* – bem como em parcerias para publicações, como as realizadas com John Arthur Thomson nos textos mais ligados ao campo da biologia¹⁷, com Victor Branford, nos do campo da sociologia¹⁸, e com Frank Mark Mears em alguns dos trabalhos no campo do urbanismo¹⁹.

Lewis Mumford talvez tenha sido o maior difusor de ideias geddesianas, mas ele também foi, de certa forma, o maior “traidor”, como quase todo intérprete ou tradutor, de Geddes. De forma análoga, Ernst Panofsky, que poderia ser considerado o discípulo mais brilhante e herdeiro

intelectual de Warburg, também foi seu difusor e traidor. Georges Didi-Huberman (2013 (2002), p. 78) chegou a acusar Panofsky de ter sido o “grande padre exorcista do nosso *dibbuk*”. O Mumford exorcista praticamente reduziu o pensamento geddesiano às questões regionais de descentralização, chegando a um tipo de proposta antimetropolitana ou mesmo antiurbana²⁰. É sabido o quanto Mumford detestava o que ele chamava de “caos” das grandes metrópoles e defendia as cidades menores, mais provincianas²¹, o que era quase o contrário do grande cosmopolitismo da vida urbana proposto por Geddes. Panofsky, por sua vez, praticamente invalidou a ideia mais importante do pensamento warburgiano, a própria ideia de sobrevivência (*Nachleben*), que foi simplificada ao extremo até se transformar na reducionista ideia de “influência”, uma noção que foi naturalizada e, infelizmente, até hoje é bastante disseminada no campo da história da arte, da arquitetura e do urbanismo.

Após a morte de Warburg, sua família e amigos solicitaram a Gertrud Bing, sua fiel assistente pessoal e discípula favorita, a realização de um *opus syntheticum* do pensamento warburgiano, mas Bing nunca conseguiu terminar esse trabalho hercúleo de sistematização de um pensamento tão complexo e fragmentado. Saxl e Bing, os assistentes mais próximos de Warburg até sua morte, também foram os grandes responsáveis pela mudança, entre Hamburgo e Londres, e reinstalação de todos os documentos e livros na nova sede,

além de atuarem como diretores do novo Instituto Warburg (com Henri Franckfort) no momento de sua implantação e consolidação. Gertrud Bing dirigiu o Instituto de 1955 até 1976 e foi sucedida por Ernst Gombrich, autor da primeira biografia sobre Warburg, publicada somente em 1970 (e republicada em 1986), mais de quarenta anos após sua morte.

Como bem mostrou Carlo Ginzburg²², a própria compreensão do campo disciplinar de Gombrich, que ainda pensava por “estilos”, era bem mais limitada do que a de Warburg, o que colocava problemas teóricos e metodológicos. Segundo Didi-Huberman:

Ler Warburg apresenta a dificuldade de ver se mesclarem o ritmo da mais extenuante ou mais inesperada erudição (...) ideias que se fundem, pensamentos inseguros, aforismos, permutações das palavras, experimentações de conceitos... tudo o que Gombrich considera a conta certa para aborrecer o ‘leitor moderno’, quando é precisamente a modernidade de Warburg que já se assinala nesse traço (2013 [2002], p. 28).

Mas o principal problema talvez tenha sido que a tão esperada biografia não conseguiu abarcar nem um pouco da complexidade do biografado. Como escreveu Didi-Huberman, Gombrich “decidiu redigir uma ‘biografia intelectual’, voluntariamente autocensurada quanto aos aspectos psíquicos da história e da personalidade” o que resultou em “uma

‘elaboração’ meio desencarnada de uma obra em que a dimensão do *páthos*, ou até do patológico, revela-se essencial, tanto no plano dos objetos estudados quanto no do olhar voltado para eles”. A crítica de Didi-Huberman havia sido feita antes por Edgar Wind, contemporâneo e próximo de Warburg: “não se separa um homem de seu *páthos* – de suas empatias, suas patologias –, não se separa Nietzsche de sua loucura nem Warburg dessas *perdas de si*” (Didi-Huberman, 2013 [2002], p. 28).

No caso de Geddes ocorreu praticante o inverso: suas biografias mais populares se centraram em sua personalidade, sem dúvida fascinante, mas sem adentrar mais cuidadosamente suas complexas ideias. O título da biografia publicada pela escritora Paddy Kitchen, em 1975, explicita isso bem: *A Most Unsettling Person: An Introduction to the life and ideas of Patrick Geddes*. A primeira biografia foi escrita por sua discípula Amelia Defries – com prefácios de Rabindranath Tagore e de Lewis Mumford –, uma das muitas mulheres do chamado *Geddes’ Circle*²³, em 1927, quando Geddes já estava em Montpellier construindo o *Collège des Écossais*²⁴, e também deixava claro seu foco messiânico e personalístico no título: *The Interpreter Geddes: The Man and His Gospel*. A última biografia, publicada em 1990 por Helen Meller, é bem mais acadêmica e busca entender um pouco melhor suas ideias – *Patrick Geddes: Social Evolucionist and City Planner* (Patrick Geddes: evolucionista social e urbanista) – mas insiste, de

forma equivocada, em associar seu trabalho a um evolucionismo, um “darwinismo” social.

A atribuição apressada de um “selo *evolucionista*”, como disse Georges Didi-Huberman (2013 [2002], p. 51), também parece ser uma das razões do caráter fantasmático tanto de Geddes quanto de Warburg, ambos profundamente impactados, como a grande maioria dos cientistas e intelectuais do final do século XIX e início do XX, pelo mais importante trabalho de Charles Darwin, publicado em 1859, *A Origem das Espécies*. Trata-se da confusão, ainda bastante corrente, entre a teoria da evolução de Darwin, que se ocupa da seleção natural, e a ideia de evolucionismo social, que parte da ideia de Herbert Spencer da “sobrevivência do mais apto”²⁵, um pensamento determinista que se tornou racista e passou a ser amplamente combatido na renovação das ciências sociais do século XX. Como se sabe, o pensamento evolucionista social, fortemente vinculado a uma noção de progresso linear e fruto de interpretações etnocêntricas, difere-se largamente da teoria da evolução biológica desenvolvida por Darwin, que tratava basicamente de transformação e adaptabilidade biológica a diferentes ambientes, ideias decorrentes de sua famosa viagem de observação minuciosa e detalhada em torno do mundo (1831/1835). Portanto, a teoria da evolução darwiniana, apreciada tanto por Geddes quanto por Warburg, não tem, em princípio, qualquer relação com qualquer ideia evolucionista de progresso ou de etnocentrismo.

Geddes foi aluno de Thomas Henry Huxley, conhecido como “O Bulldog de Darwin” por ser o principal defensor da teoria da evolução darwiniana. Geddes chegou a conhecer Darwin, que lhe escreveu uma carta de recomendação elogiosa em 1882, para ajudá-lo a buscar um cargo universitário. Darwin declarou ter lido os trabalhos de Geddes e formado uma excelente opinião de suas competências e “conhecimento em vários campos da ciência”, considerando-o “bem qualificado para ocupar qualquer cadeira de história natural”²⁶. Geddes criticou abertamente Spencer e todos aqueles que ele chamava de sociólogos biologicamente inclinados (*biologically-minded sociologists*), que, a partir de trabalho de campo, faziam generalizações teóricas sem embasamento. O que ele mais apreciava em Darwin, como em qualquer outro pesquisador naturalista ou ainda em qualquer urbanista, era precisamente sua capacidade acurada de observação. Seu interesse na evolução era sobretudo um interesse na observação das transformações, muitas delas de longuíssima duração, mas que ainda deixavam rastros no presente, o que poderia ser resumido pelo que Warburg chamou de “fóssil em movimento”.

Ernst Mayr – outro conhecido explorador e também grande observador, famoso por seus levantamentos de aves do Pacífico (*bird surveys*), nos anos 1920 – escreveu sobre Darwin o que poderia também ser dito a respeito de Geddes:

O que fez de Darwin um grande cientista e um intelectual tão inovador? Era um observador soberbo, dotado de uma curiosidade insaciável. Nunca aceitava nada sem explicação e sempre queria saber o porquê das coisas. Por que a fauna das ilhas é tão diferente daquela encontrada no continente mais próximo? Como surgem as espécies? Por que os fósseis da Patagônia são tão parecidos com a biota atual de lá? Por que cada ilha em um arquipélago tem suas próprias espécies endêmicas e mesmo assim são muito mais semelhantes entre si do que em relação a espécies correlatas em regiões mais distantes? Foi essa capacidade de observar fatos interessantes e formular as perguntas apropriadas que permitiu a Darwin fazer tantas descobertas científicas e desenvolver tantos conceitos originais (2009 [2001], p. 31).

A relação de Warburg com Darwin foi mais distante: passou pela leitura cuidadosa, importante para seu trabalho sobre a sobrevivência de gestos, do livro *A expressão das emoções no homem e nos animais* de Darwin que, como explicou Georges Didi-Huberman, “nada teve de instrumento de uma teoria de ‘seleção natural’ ou de um ‘progresso’ dos gestos (...) mas sim pelo ângulo da *sobrevivência do primitivo*”. Essa associação de Warburg com Darwin era atravessada pelo antropólogo Edward Tylor²⁷ – também uma referência importante para o pensamento geddesiano – e sua ideia de *survival* que, como mostrou Didi-Huberman, tinha relação com a ideia de

sobrevivência (*Nachleben*) warburgiana, que associava arte e antropologia a partir da ideia de cultura.

Também foi equivocadamente atribuído o “selo evolucionista” a essa ideia de *survival*, mas, como insiste Didi-Huberman, “enquanto a seleção natural falava de ‘sobrevivência do mais apto’ [*survival of the fittest*], garantia de novidade biológica, Tylor abordou a sobrevivência pelo ângulo inverso, dos elementos culturais mais ‘inaptos e impróprios’ [*unfit, inappropriate*], portadores de um passado acabado e não de um futuro evolutivo”. Didi-Huberman acusou Gombrich de ter sido o maior responsável por essa “simplificação brutal” e conclui com o argumento que vale também para as acusações feitas contra um Geddes evolucionista:

Um Warburg ‘evolucionista’: o que quer dizer isso? Que ele leu Darwin? Quanto a isso não há a menor sombra de dúvida. Que ele reivindicou uma ‘ideia de progresso’ nas artes e adotou um ‘modelo continuísta’ do tempo? Nada é mais falso (...) Warburg foi darwinista, sem dúvida, mas não evolucionista no sentido spenceriano (2013 [2002], p. 54 e 55).

Ao propor a releitura de Warburg, Didi-Huberman explicou como:

(...) ele foi negligenciado não apenas pelos historiadores de arte positivistas, como também pelos que eram receptivos ao

estruturalismo ou até pelos melhores da escola dos Annales. Assim, Jacques Le Goff atribuiu generosamente a Marc Bloch a exclusividade da ‘fundação’ da antropologia histórica (...) Reler Warburg atualmente exige uma inversão de perspectiva. Sua maneira muito particular de praticar a história da arte, de abri-la, teve como efeito refazer as perguntas da antropologia histórica (2013 [2002], p. 40).

Uma vez que o excelente trabalho de releitura feito por Didi-Huberman já conseguiu recolocar a discussão do trabalho de Warburg dentro do campo das artes e, particularmente, no campo da história das artes e também da antropologia das imagens, devolvendo às suas ideias uma espécie de vida, de palpação nova, nos concentraremos mais na releitura de Geddes, sobretudo no campo do urbanismo.

Apesar de o nome de Geddes aparecer em algumas das principais publicações da história do urbanismo – mas não naquelas da história da arquitetura moderna, mesmo quando tratam de urbanismo –, sua obra ou ainda surge como uma exceção, ou é colocada fora deste campo disciplinar. O principal motivo talvez seja que seu trabalho, sem dúvida bastante eclético, termina por embaralhar as narrativas e análises históricas ainda dualistas, como aquela proposta em 1965 por Françoise Choay em sua famosa antologia *O urbanismo*, entre um “urbanismo progressista” e um “urbanismo culturalista”. Sem saber bem como classificar Geddes em um “modelo” de

urbanismo ou no outro, Choay criou uma nova categoria para abrigá-lo: “Antropópolis” (*Anthropopolis*). Ela explicava que não seria outro “tipo” de urbanismo. Segundo Choay:

Ele pretende reintegrar o problema urbano em seu contexto global, partindo das informações dadas pela antropologia descritiva. Essa crítica [ao “urbanismo progressista”], que pode ser qualificada de humanista, desenvolveu-se fora do meio especializado dos urbanistas e dos construtores. É o resultado do trabalho de um conjunto de sociólogos, historiadores, economistas, juristas, psicólogos, pertencentes sobretudo aos países anglo-saxões (Choay, 2013 [1965], p. 38).

Por que Françoise Choay, conhecida por ser crítica à abordagem mais cientificista do urbanismo – ela dizia que a própria ideia de um urbanismo científico era um mito “progressista” da sociedade industrial – não considerava Patrick Geddes como urbanista? E como poderia o próprio Geddes, e não seu fantasma, ter feito uma crítica ao “urbanismo progressista”, se esse “modelo”, na própria classificação de Choay – que teria como exemplo maior as ideias urbanísticas de Le Corbusier e do CIAM²⁸ – só se consolidou de fato após os primeiros trabalhos do urbanista escocês? Como se sabe, o CIAM só foi criado na Suíça em 1928, e o plano urbano de Dunfermline (cidade escocesa) de Geddes, por exemplo, é de 1904.

Uma pequena nota de pé de página do livro de Choay, quando aparece pela primeira vez o nome de Geddes, é significativa:

Somos obrigados a evocar aqui, por demais esquematicamente, uma figura cuja importância foi considerável, e cujo nome no entanto é pouco conhecido na França. Limitamo-nos a resumir muito por alto o método de Geddes, sem poder insistir nem sobre a crítica da grande cidade industrial, nem sobre certas ideias construtivas que lhe eram as mais caras.

Em outra nota ela diz que “Geddes foi o primeiro autor a citar Bergson numa obra dedicada aos estudos urbanos” Em outra ainda – em comentário do livro *Vida e morte das grandes cidades americanas* (publicado em 1961), da ativista Jane Jacobs²⁹ –, Choay novamente se refere a Geddes: “Patrick Geddes já tinha sublinhado a necessidade de os habitantes se interessarem ativamente pelo modelamento de sua cidade. Ele chamava de *civics* essa forma de participação” (2013 [1965], p. 46).

Donatella Calabi, bem mais recentemente, em sua *História do Urbanismo Europeu*, (2008) demonstra certo desconforto em enquadrar Geddes; desconforto semelhante ao que teve Choay ao citar Geddes em meados dos anos 1960. Para Calabi, Geddes, “escritor e orador incansável, antecipa aquele setor disciplinar das ciências sociais que hoje é

frequentemente indicado com o nome de ‘ecologia urbana’”. Ao explicar a defesa das “pesquisas cívicas” (sua tradução para *civics*) no campo do urbanismo – que também chamou de “análises urbanísticas” – escreveu:

A batalha também foi conduzida por pessoas não facilmente classificáveis pela formação, como urbanistas *tout court* (historiadores, geógrafos, sociólogos, biólogos); de fato, mais tarde foram considerados pela historiografia como profetas do urbanismo europeu (Calabi, 2008, p. 154).

Geddes continua até hoje sem ser discutido por historiadores do campo como um urbanista “*tout court*”. Isso talvez por terem essa definição como algo restrito a um campo disciplinar bem mais fechado, composto somente por especialistas; e, também, talvez por isso, Geddes não tenha recebido o devido destaque no debate do campo, apesar dos inúmeros planos urbanísticos realizados para diversas cidades durante sua vida, sobretudo no Reino Unido, na Índia e na Palestina.

Uma rara exceção é o livro do também britânico Peter Hall, *Cidades do amanhã* (1988), que atribuiu a Geddes, classificado como “polímata inclassificável”, um lugar importante como pioneiro e visionário no que ele chamou de “as raízes anarquistas do movimento urbanístico” (2016 [1988], p. 20), num contraponto, talvez um pouco simplificado, à “solução de Le Corbusier, segundo a qual um mestre planejador todo

poderoso demoliria por completo a cidade existente, substituindo-a por outra feita de altas torres erguidas no meio de um parque”. Hall também citou Mumford:

Lewis Mumford (1985-1990) um jornalista-sociólogo capaz, como Geddes jamais o foi, de dar forma coerente a seus pensamentos, essa filosofia [urbana, de Geddes] passou para um pequeno mas brilhante e devotado grupo de planejadores sediados na cidade de Nova Iorque, de onde – por intermédio dos escritos imensamente eficazes de Mumford – acabou fundida às ideias intimamente correlatas de Howard e espalhou-se por toda América e pelo mundo afora (...) Mas, ironicamente, nesse processos (...) a qualidade verdadeiramente radical da mensagem foi abafada e, mais da metade, perdida (2016 [1988], p. 189).

Peter Hall também buscou entender o silêncio dos historiadores do campo do urbanismo sobre Geddes e sobre outros anarquistas:

A história tem de começar por Geddes: coisa bastante difícil, visto que ele sempre dava volta em círculos crescentes. (...) ‘as teses não desenvolvidas, os livros não escritos e que assim permaneceram, em cada pequeno artigo ele recomeçava do início, sublinhando e repetindo suas ideias fundamentais infindavelmente’, era, segundo nos relata Abercrombie [urbanista britânico], ‘pessoa das mais instáveis, e falava, falava, falava,

a respeito de tudo e de nada'. Desenvolvia obsessivamente suas ideias em pedaços de papel divididos em nove blocos, suas 'máquinas', que preenchia com suas rumações intuitivas sem fim, mas que se mostraram barreiras à comunicação (2016 [1988], p. 190).

Em outra passagem, Hall escreveu: "As ideias jorravam de maneira repetitiva, circular, e amiúde obscura: matéria-prima para um sem número de dissertações ainda não escritas." (p. 199). E, ao final de seus comentários sobre a possível atualização das propostas geddesianas (citando seus relatórios sobre cidades indianas), escreveu: "Geddes, ou o seu fantasma, teria de esperar um pouco mais" (2016 [1988], p. 362).

Parece ainda ser difícil para muitos historiadores do urbanismo admitir que a proposta geddesiana colocava efetivamente uma outra possibilidade, também moderna, de se pensar e praticar o urbanismo, que já criticava a noção de progresso, definidora do "urbanismo progressista" sem, no entanto, cair no passadismo nostálgico, que Choay considerava como "urbanismo culturalista". E isso, antes mesmo da consolidação do próprio "urbanismo progressista", ainda usando a terminologia de Choay, dominante no chamado movimento moderno, sobretudo dos CIAMs.

É interessante notar que todas as maiores propostas críticas feitas contra os excessos do movimento moderno em arquitetura e urbanismo a partir do final dos anos 1950 – como

a de Jacobs, que era externa ao movimento – dizem respeito a temas que já tinham sido abordados e praticados por Patrick Geddes desde o final do século XIX, como participação, auto-construção ou, ainda, preservação do patrimônio histórico e cultural. Além do que, muitos desses críticos, como alguns arquitetos, advogavam também por maior interdisciplinaridade, maior interlocução do campo do urbanismo ao campo das ciências sociais, sobretudo a antropologia e a sociologia, ao campo das artes e, também, das ciências humanas, como a história e a geografia cultural. O *dibbuk* multifacetado Geddes foi determinante para a fundamentação dessas críticas.

Geddes foi evocado nos anos 1950 pelos integrantes do Team X³⁰, a nova geração de arquitetos que fazia parte dos CIAMs – foram 10 encontros entre 1928 e 1956 –, reunida na organização do CIAM X, para reforçar, com um tipo de munição teórico-metodológica fantasmática, a crítica interna aos excessos racionalistas do movimento, sobretudo na crítica elaborada pelo casal Alison e Peter Smithson. Os Smithsons, inspirados em Geddes, passaram a usar a ideia de escala de associações para combater a proposta de separação de funções exposta na Carta de Atenas³¹. Aldo Van Eyck, por sua vez, solicitava maior atenção à arquitetura vernácula, à auto-construção, e outro membro importante do grupo, Giancarlo de Carlo – que depois foi editor e tradutor do livro clássico de Geddes para o italiano – passou a reivindicar a efetiva participação popular nos projetos urbanos. Para deixar clara

a herança geddesiana reclamada pelo Team X – tanto no manifesto de Doorn (Habitat) de 1954, quanto em diferentes *Drafts* do grupo de preparatórios para o CIAM X, documentos mais conhecidos do Team X – havia sempre uma reprodução da famosa *Valley Section* (Seção ou perfil do Vale)³², um dos diagramas esquemáticos mais famosos de Geddes, que passou a ser associado aos documentos preparatórios para o CIAM X e à proposta da *Scale of Human Association*, elaborada pelo casal Smithson, uma alternativa ao urbanismo por zoneamento funcional proposto como doutrina por Le Corbusier na Carta de Atenas³³.

Como se sabe, o Team X foi o maior responsável pela dissolução final do CIAM, em 1959, sobretudo pela potência da crítica do grupo ao que Van Eyck chamou de “tirania do consenso cartesiano” da antiga geração da organização, liderada por muitos anos por Le Corbusier e Siegfried Giedion. A crítica ao “urbanismo progressista” citada por Choay já teria sido então uma ação do fantasma geddesiano evocado pelo Team X. Mas nosso *dibbuk* havia sido evocado ainda antes, dentro da própria “velha guarda” do CIAM. Quem de fato trouxe de volta ao debate as ideias geddesianas após a Segunda Grande Guerra foi uma urbanista que também ficou na sombra dos grandes nomes (homens e arquitetos em larga maioria) do movimento moderno: Jaqueline Tyrwhitt.

Geddesiana assumida, Tyrwhitt foi integrante do grupo britânico MARS. Era amiga íntima e tradutora para o inglês

de Giedion, secretário do CIAM de 1928 a 1957, e colega em Harvard de José Luís Sert, presidente da organização entre 1947 e 1957. Sert foi o responsável pela publicação da versão norte-americana da Carta de Atenas, “Can our cities survive?”³⁴, em 1942, cujo prefácio deveria ter sido feito por Mumford, que se recusou a fazê-lo³⁵. Giedion, por sua vez, com a dedicada ajuda de Tyrwhitt, havia publicado o famoso *Espaço, Tempo, Arquitetura* um ano antes, em 1941, mas só na 5ª edição revisada (de 1966) do seu maior “best-seller” mundial, ele agradeceu a colaboração de Tyrwhitt, sempre na sombra, e também acrescentou dois parágrafos sobre Geddes na parte 8: “Urbanismo como problema humano”.

Tyrwhitt fez parte da organização dos dois encontros CIAM que ocorreram no Reino Unido, o CIAM VI de 1947 em Bridgwater, o primeiro após dez anos de interrupção por causa da guerra – quando trabalhos brasileiros foram expostos, como o projeto do Pedregulho de Reidy – e o segundo, o CIAM VIII de 1951 em Hoddesdon, quando Tyrwhitt coordenou toda a organização. As ideias geddesianas, trazidas por Tyrwhitt, emergiram assim no âmago do próprio CIAM, e esses ecos puderam ser sentidos até mesmo no tema geral desse segundo encontro britânico – a ideia do *Core of the city* –, assim como no próprio título do encontro e do livro dele resultante, que ela editou com Sert e Ernesto Rogers, com texto final de Giedion: *The heart of the city*. Foi exatamente a partir desse encontro em Hoddesdon que o Team X se

organizou e passou a exercer sistematicamente sua crítica, com a ajuda sobretudo das ideias geddesianas devidamente reavivadas por Tyrwhitt. Foi, portanto, Jaqueline Tyrwhitt, que usava sempre o *Valley Section* em suas aulas e cursos, que apresentou Patrick Geddes e suas ideias para toda essa nova geração de arquitetos modernos.

No encontro seguinte, de 1953, em Aix-en-Provence,³⁶ já foram apresentados trabalhos habitacionais na África do Norte pelo grupo GAMMA, com base em discussões sobre *bidonvilles* (favelas) marroquinas e também foi apresentada, pelo grupo argelino, uma surpreendente *Bidonville Mahieddine Grid*. A partir desse encontro, o grupo que ficou conhecido como Team X passou efetivamente a dominar o debate nos encontros do CIAM. Foi aí que o casal Alison e Peter Smithson apresentou sua famosa *Urban Re-Identification Grid*, com as maravilhosas fotografias de crianças brincando nas ruas londrinas³⁷ – feitas por Nigel Henderson, membro do *Independent Group* – em Bethnal Green, bairro operário considerado um *slum*³⁸. Apesar da manutenção da ideia de uma *grid* (grade para exposição de projetos ou ideias), a grade Team X³⁹ era bem menos rígida do que a antiga grade Ascoral⁴⁰, proposta anteriormente por Le Corbusier.

A principal crítica interna da nova e transnacional geração moderna reunida no Team X era claramente dirigida não só contra o homem ideal, representado pelo *Modulor* corbusiano – e a favor das pessoas ordinárias das ruas, cortiços

e favelas, como aquelas das fotografias de Henderson –, mas também contra os princípios urbanísticos funcionalistas dominantes na organização, desde o CIAM IV em 1933, dedicado à cidade funcional. Nessa ocasião foi consolidada a ideia – tida como “doutrina” moderna, defendida por Le Corbusier, e contestada pelo Team X nos anos 1950 – da separação (zoneamento) das quatro funções modernas no espaço da cidade: circulação, habitação, trabalho e lazer. Como bem resumiu Peter Smithson: “Atrás disso tudo [crítica e novas propostas]... um eco de Patrick Geddes.”⁴¹

Tyrwhitt foi a responsável, em nome da *Association for Planning and Regional Reconstruction*, que ela dirigia, pela edição e publicação de dois livros de Geddes, que contaram com a colaboração de Arthur Geddes, seu filho mais jovem. Em 1947 foi lançado *Patrick Geddes in India*, uma montagem de fragmentos de relatórios (*reports*) escritos por Geddes sobre 18 diferentes cidades indianas entre 1915 e 1919, com prefácios de Lewis Mumford e de Henry Vaughan Lanchester, urbanista britânico que conhecia Geddes do comitê sobre cidades da *Sociological Society* e já havia feito a primeira seleção dos inúmeros relatórios geddesianos. Diferentemente de Mumford e Lanchester, Tyrwhitt não chegou a conhecer Geddes. Já na orelha do livro, ela explica seu objetivo editorial:

Provavelmente não há outro homem cujos escritos atuais tenham sido tão pouco lidos e, no entanto, que tenha sido um

pensamento tão influente e construtivo em nossa geração, como Patrick Geddes. Embora ele só tenha morrido em 1931 [sic], ele já é uma lenda. Sua inspiração foi passada em segunda mão, através de seus amigos e alunos (Tyrwhitt, 1947).

Tyrwhitt, ao editar seu pequeno livro de 100 páginas, com muitas ilustrações dos próprios relatórios e belíssimas fotografias das cidades indianas, cortou ao extremo os textos de Geddes em curtos fragmentos montados em subtítulos, que buscavam claramente uma operacionalização e simplificação do pensamento geddesiano para sua difusão. Para se ter uma ideia, só um dos relatórios citados – o de Indore, de 1918, por exemplo – era composto de dois volumes, cada um com mais de 200 páginas, sem contar os anexos. Essa parece ter sido uma tática que se mostrou bastante eficaz para tornar o livro mais palatável e atraente para os pragmáticos arquitetos e urbanistas modernos, majoritariamente mais avessos às questões sociais e culturais das antigas cidades existentes.

Mumford, em seu prefácio, tentou tornar, ainda mais que Tyrwhitt, as ideias geddesianas facilmente aplicáveis. Mas, pelo menos, à exceção dos títulos dos capítulos de sua autoria, Tyrwhitt buscou publicar as próprias palavras de Geddes, apesar da forma extremamente fragmentada, o que, de resto, pode até ser visto como algo coerente com as próprias ideias geddesianas. Interpretou, por exemplo,

o mais conhecido lema de Geddes – “*Survey before the Plan*” (Levantamento/Análise antes do plano) – com termos da medicina: “*Diagnosis before Treatment*” (Diagnóstico antes do tratamento). Infelizmente, essa ideia de diagnóstico especialista – que contém em si um pressuposto de que a cidade estaria doente e precisaria de um tratamento específico urgente, muito difundida entre os engenheiros sanitaristas higienistas do século XIX – é até hoje aplicada de forma absolutamente naturalizada tanto no campo prático quanto no ensino do urbanismo, quase sempre de forma padronizada e tecnicista, bem distante da proposta do *Survey* geddesiano, transdisciplinar, experimental, exploratória, complexa e completamente singular em função de cada cidade estudada.

Em 1949, Tyrwhitt lançou *Cities in evolution* – livro de 1915 que ela publicou sem o subtítulo original (*An introduction to the Town Planning Movement and to the study of civics*) – também editado, mas de forma bem menos fragmentária do que a do livro anterior. Foram cortados 5 capítulos dos 18 do livro original, sendo que desses cortados foram mantidos somente seus títulos na nova versão (cap 6, “As casas do Povo”; cap. 7, “O movimento habitacional”; cap. 9, “Uma viagem de *town planning* na Alemanha”; cap. 10, “Organização Alemã”; e cap. 11, “Desenvolvimento recente em habitação e *town planning*”). A edição de *Cidades em Evolução* feita por Tyrwhitt foi a versão usada para a única tradução, infelizmente bem fraca, de um livro de Geddes no Brasil, publicada somente em

1994 – quase oitenta anos após o original e quarenta e cinco anos depois da versão de Tyrwhitt – sem qualquer tipo de apresentação ou de atualização do autor. Não há dúvida de que, até hoje, Geddes foi pouco discutido no Brasil, apesar de haver registros de que ele foi muito lido, provavelmente no original em inglês de 1915, ou, por vezes, na versão de Tyrwhitt (1949), em vários momentos, por urbanistas brasileiros ou estrangeiros que atuaram no país em diferentes cidades, entre outros, Alfred Agache, Luís Inácio de Anhaia Melo, Mario Leal Ferreira, Carmen Portinho, Constantinos Doxiadis, Carlos Nelson Ferreira dos Santos.

Se podemos entender a razão da exclusão, feita por Tyrwhitt, dos dois capítulos sobre a Alemanha para a publicação em uma Europa ainda marcada pelas atrocidades da Segunda Guerra, a retirada dos três capítulos que tratam da questão habitacional nos parece uma opção menos compreensível. É exatamente nesses capítulos excluídos que Geddes tratou da questão do *“improvement of slums”* – o que chamaríamos hoje de urbanização de favelas ou reabilitação de cortiços, de defesa da cidadania, de autogestão cooperativa e de autoconstrução “para procurar trabalhadores que pudessem realmente construir suas próprias casas”, de participação dos movimentos habitacionais no processo de planejamento e, em particular, de participação de mulheres, “pois, à medida que escapamos dos mitos do individualismo dos sem-teto, vemos que a cidade sempre foi o teatro e

o palco indispensáveis para expressar cada vida individual (...) e mais literalmente a vida da mulher – e de toda vida – acima de tudo”. Há também nesses capítulos uma clara defesa da preservação da memória, da herança das antigas cidades e suas materialidades, da colaboração dos urbanistas com artistas e com artesãos, assim como um elogio ao “livro memorável” de Camillo Sitte, arquiteto moderno vienense, autor de *Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos* (*Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen*), publicado em 1889 e, como se sabe, extremamente criticado por Le Corbusier que o considerava a antítese de seu pensamento moderno em urbanismo. Assim, os cortes de Tyrwhitt parecem ter sido precisamente daquelas ideias geddesianas que, ela já sabia, não poderiam ser toleradas pela “velha guarda”, ainda muito poderosa, do CIAM.

Além de cortar, Tyrwhitt também acrescentou textos novos em sua publicação: além da introdução, que ela assina, há um texto do próprio Geddes sobre o *Valley Section* (Perfil do vale) de 1923; um texto do catálogo da primeira versão da mostra de cidades e *town planning* organizada por Geddes em 1910, com imagens da segunda versão, recomposta após o naufrágio da primeira exposição a caminho da Índia; a transcrição da última conferência de Geddes na Universidade de Dundee em 1919; uma breve biografia; e três textos sobre os diagramas dobráveis ou máquinas pensantes (*thinking machines*) de Geddes: um de Amelia Defries, a primeira biógrafa do

autor, escrito a partir de anotações de Geddes; um fragmento do próprio Geddes, do texto “Conversas de domingo com meus filhos”; e um texto de dois jovens arquitetos britânicos, Keating Clay e John Turner.

Turner, ex-aluno de Tyrwhitt, tornou-se também um geddesiano convicto. Ao encontrar outro raro geddesiano em uma reunião do CIAM, Eduardo Neira, decidiu partir com ele para o Peru, onde permaneceu de 1957 a 1965 desenvolvendo um longo trabalho sobre as *barriadas* (favelas) de Lima⁴². A experiência peruana de John Turner emerge como uma retomada consciente, quase meio século depois, da experiência indiana de Patrick Geddes. A ideia geddesiana da *Conservative Surgery* se transformou, assim, na de *Neighborhood Upgrading* proposta por Turner, sobretudo no caso de *slums* ou *shanty-towns* (favelas). Turner também foi próximo do arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos, principal responsável pelo projeto participativo de urbanização Brás de Pina, no Rio de Janeiro, em plena ditadura militar e violenta política de remoções no país. O arquiteto e urbanista britânico, que também esteve em Salvador, Recife e Belém, ficou conhecido no Brasil por uma frase que teria dito em sua visita ao Rio de Janeiro para proferir um curso, mais tarde publicada em seu famoso artigo na revista do IAB “Habitação de Baixa Renda no Brasil”: “Mostraram-me problemas – favelas, mocambos, alagados, etc. – que considero soluções. E me mostraram soluções – conjuntos habitacionais de baixo

custo – que eu chamo de problemas” (Turner, 1968). A frase foi usada como bandeira para combater a erradicação de favelas no país, sobretudo no período da ditadura militar. Mais uma vez, nesse exemplo, podemos reconhecer o ressurgimento ou sobrevivência, como resistência crítica e política, do fantasma de Geddes.

Como todo *dibbuk*, Warburg e Geddes também são difíceis de acompanhar. Nossa tentativa é de também buscar um tipo de errância para poder acompanhá-los: os capítulos que seguem vagueiam com eles “por uma terra de ninguém de perguntas, em algum lugar entre a rarefação depressiva e a proliferação maníaca” (Didi-Huberman, 2013 [2002], p. 423). Esta primeira parte do trabalho (v. 1) tem por pressuposto a dupla herança moderna, que ainda espera para ser repensada, retrabalhada, uma herança tanto warburguiana quanto geddesiana, repleta de impurezas, de sobrevivências fantasmáticas, sempre em movimento. Talvez seja preciso fazer como Nietzsche propôs em “Humano, demasiado humano” (1878), ao enunciar que “a interpretação verdadeiramente histórica falaria como um fantasma com fantasmas” (1988 [1878], p. 71). Pois, como tão bem escreveu Didi-Huberman, nosso maior instigador⁴³ para a aproximação desses dois grandes fantasmas, sobre essa errância entre eles: “Os personagens de contos de fadas, assim como os fantasmas, sempre manifestam certa propensão para a melancolia: nunca chegam a morrer. Seres da sobrevivência, vagueiam como

dibbuks por algum lugar entre um saber imemorial das coisas passadas e uma trágica profecia das coisas futuras” (2013 [2002], p. 427). Um grande *dibbuk*, esse tipo de fantasma errante, “é algo ou alguém que não conseguimos esquecer. Mas que não podemos reconhecer com clareza” (2013 [2002], p. 27).

Geddes e Warburg, nossos fantasmas modernos, cada um deles “em algum lugar dentro de nós, mas em nós inapreensível, desconhecido (...) Por que fantasmático? Primeiro porque não sabemos onde segurá-lo. (...) Outra causa desse caráter fantasmático prende-se à nossa impossibilidade, ainda hoje, de distinguir os limites exatos da obra warburguiana” (p. 28), nem os do trabalho geddesiano. Complementamos o argumento de Didi-Huberman⁴⁴ sobre Warburg incluindo também Geddes: assim seriam Warburg e Geddes nos dias atuais, dois sobreviventes urgentes para a história da arte e para o urbanismo. Dois *dibbuks*. Fantasmas de nossas disciplinas, falando-nos a um tempo de seus (nossos) passados e de seus (nossos) futuros.

Tentemos, assim, compreender essa outra forma de saber das coisas passadas, fantasmáticas, sem buscar torná-las mais claras, simples ou ainda mais “puras”; vislumbrar as profecias, ou porvires das coisas então futuras, muitas delas já presentes; atentar para a coexistência de tempos e disciplinas distintas. Como necromantes que evocam espectros, buscaremos captar as ondas de nossos *dibbuks*, eles

próprios “sismógrafos muito sensíveis”, da mesma forma que Warburg se referiu ao historiador e ao filósofo que foram suas grandes referências:

Devemos reconhecer Burckhardt e Nietzsche como receptores de ondas mnêmicas e compreender de que modo a consciência do mundo afeta cada um deles de maneira diferente. Devemos fazer que um esclareça o outro (...) Os dois são **sismógrafos muito sensíveis** cujas bases tremem quando eles recebem e transmitem as ondas [de choque, de memória] (Warburg, 1927 apud Didi-Huberman 2013 [2002] p. 108, grifo nosso).

Notas

- ¹ “For though in heredity, our ancestors deeply determine us, as to heritage we choose our ancestors”, palestra “The Fifth Talk: Our city of thought” de uma série de *Talks* que Geddes fez em Nova Iorque no *New School for Social Research*, em 1923, a convite de Lewis Mumford.
- ² “Vom Einfluss der Antike. Diese Geschichte ist märchenhaft to vertellen. Gespenstergeschichte für ganz Erwachsene.” Aby Warburg, “Mnemosyne” In: *Grundbegriffe II*, p.3, 2 de junho de 1929 (Londres, Warburg Institute Archive, III). A ideia de influência para Warburg está menos no sentido usado por alguns historiadores, de transferência, e mais no seu sentido latino relacionado à astrologia, da

“ação atribuída aos astros sobre o destino humano”. Warburg também estudava os astros e a astrologia.

- ³ “*Warburg est notre hantise, il est à l’histoire de l’art ce qu’un fantôme non racheté – un dibbouk – serait à la demeure que nous habitons. Une hantise? C’est quelque chose ou quelqu’un qui revient toujours, survit à tout, réapparaît de loin en loin, énonce une vérité quant à l’origine. C’est quelque chose ou quelqu’un que l’on ne peut oublier. Impossible, pourtant, à clairement reconnaître. Warburg, notre fantôme: quelque part en nous, mais en nous insaisissable, inconnu*”. Georges Didi-Huberman, *L’image survivante, histoire de l’art et temps de fantômes selon Aby Warburg*, Paris, Les éditions de minuit, 2002, p. 30. Um *dibbuk* na mitologia judaica é um fantasma errante, que vagueia por um longo tempo.
- ⁴ Historiador da arte e professor da EHESS em Paris, responsável pelo seminário anual em antropologia visual, escreveu uma série de livros que retomam o pensamento warburguiano para a história da arte, entre os mais importantes destacamos dois: *L’image survivante, histoire de l’art et temps de fantômes selon Aby Warburg* (Paris, Les éditions de minuit, 2002) e *Atlas ou le gai savoir inquiet* (Paris, Les éditions de minuit, 2011). Além das aulas, seminários, artigos e livros sobre o tema Didi-Huberman também foi o curador de uma grande exposição *ATLAS ¿Cómo llevar el mundo a cuestas?* no Museu Reina Sofia em Madri em 2010, que também tinha como base o pensamento warburguiano. Essa exposição também circulou na Alemanha (Karlsruhe e Hamburgo, 2011) e depois se desdobrou

em uma série de exposições menores (com fotografias e filmes da exposição “original”), com o fotógrafo Arno Gisinger, que já circularam na França (Tourcoing, 2012 e Paris, 2014) e também no Brasil (no MAR, no Rio de Janeiro, com o título *Atlas, Suite*), em 2013. Tanto nas publicações como nas exposições, Didi-Huberman busca sempre problematizar e ampliar o campo da história da arte, pensado sobretudo numa antropologia das imagens, seguindo algumas das pistas deixadas por Warburg.

- ⁵ Trata-se de ir contra o “desejo do historiador idealista ou positivista, de que os tempos, uma vez analisados, voltem a se tornar “puros”, de que as sobrevivências se eliminem logicamente da história, tal como a lia seria eliminada de um bom vinho. Mas será que isso sequer é possível? Só mesmo vinhos ideias – os vinhos sem sabor – é que podem não ter nenhuma lia, podem ser isentos dessa impureza que, de certa maneira, lhes dá estilo e vida” (Didi-Huberman, 2013 [2002], p. 83).
- ⁶ Segundo Jeanne Marie Gagnebin, “O conceito de *Schwelle*, limiar, soleira, umbral, *seuil*, pertence igualmente ao domínio das metáforas espaciais que designam operações intelectuais e espirituais; mas se inscreve de antemão num registro mais amplo, registro de movimento, registro de ultrapassagem, de ‘passagens’, justamente de transições, em alemão, registro do *Übergang*. Na arquitetura, o limiar deve preencher justamente a função de transição, isto é, permitir ao andarilho e também ao morador que possa transitar, sem maior dificuldade, de um lugar determinado a outro,

diferente, às vezes, oposto. Seja ele uma simples rampa, soleira de porta, vestibulo, corredor, escadaria, sala de espera num consultório, de recepção num palácio, pórtico, portão ou nártex numa catedral gótica, o limiar não faz só separar dois territórios (como a fronteira), mas permite a transição, de duração variável, entre esses dois territórios. Ele pertence à ordem do espaço, mas também, essencialmente, à do tempo. Como sua extensão espacial, sua duração temporal é flexível, ela depende tanto do limiar quanto da rapidez ou da lentidão, da agilidade, da indiferença ou do respeito do transeunte”, “Entre a vida e a morte”, In: Otte, G (org.), *Limiares e Passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010, p. 15.

- ⁷ Dos livros com textos de Warburg (a grande maioria póstumos), publicados recentemente no Brasil destacamos: *História de fantasmas para gente grande – Aby Warburg, escritos, esboços e conferências*, organizado por Leopoldo Waizbort, com excelente apresentação, e com tradução de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Cia das letras, 2015; Warburg A. *A renovação da Antiguidade pagã. Contribuições científico-culturais para a história do Renascimento Europeu*. Tradução de Markus Hediger (infelizmente sem uma apresentação e só com uma nota do tradutor ao leitor brasileiro). Rio de Janeiro: Contraponto (Coleção arte físsil), 2013 (tradução da edição de 1932). Dos comentadores de Warburg foram traduzidos do francês (com alguns pequenos problemas, por isso, algumas vezes preferimos usar a versão original neste trabalho) e publicados nessa mesma coleção: Michaud P.A, *Aby Warburg e a imagem em movimento*. Tradução

de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto (Coleção arte fissil), 2013 (original de 1998); e Didi-Huberman, G. *A imagem sobrevivente. História da Arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto (Coleção arte fissil), 2013 (original de 2002).

- ⁸ No Brasil já se reconhece, há algum tempo, a existência de ao menos dois campos de conhecimento, distintos mas complementares: o do planejamento urbano e regional, necessariamente pluridisciplinar, e o do urbanismo, geralmente associado ao campo da arquitetura. Porém, mesmo nesse momento de emergência do campo dos estudos urbanísticos ou da “ciência” da cidade, essa distinção não era clara e dependia muito da origem de seus membros: no Reino Unido se falava mais em *Town Planning*, nos Estados Unidos em *City Planning*, na França em *Urbanisme*, na Alemanha em *Städtebau* etc. Traduzimos como urbanismo, neste trabalho, todas essas expressões que Geddes chamava de *Town Planning* (termo que ficou conhecido na Europa após o *Town Planning Act* de 1909, legislação pioneira sobre o tema) ou *Science of cities*. Como sabemos, as palavras não são neutras e mudam de significado ao longo do tempo – como tão bem mostrou a longa pesquisa transnacional sobre “As palavras da cidade” coordenada por Christian Topalov (EHESS) – mas, em nossa defesa da ampliação do campo do urbanismo, nos parece importante manter essa terminologia.

- ⁹ Texto de Alex Law disponível em: *Sociological Research Online*, volume 10, issue 2.

¹⁰ Alguns em plena atividade até hoje como o pequeno jardim com horta comunitária, cuidados pelos moradores voluntários das redondezas, *The West Port Garden*, em Edimburgo, criado por Geddes (com sua filha Norah) em 1910 quando a região ainda era repleta de *slums* (cortiços/favelas). Conversando com os atuais moradores em plena ação no pequeno jardim da rua West Port, eles se referiam a Geddes como o “jardineiro”. O mais interessante é que mesmo sendo quase totalmente “esquecido” em Edimburgo, uma cidade fortemente turística nos dias de hoje, Geddes ainda é lembrado pelos jardineiros voluntários locais. Até mesmo o recém-criado Patrick Geddes Centre, sediado na Riddle’s Court, recém-restaurada na Old Town, tem voltado suas atividades para o turismo e eventos. Uma das maiores atrações turísticas de Edimburgo hoje é sem dúvida sua proximidade com a série de livros infanto-juvenis (e filmes) do mago Harry Potter, em boa parte redigidos na cidade por Joanne Rowling, por muitos anos moradora de Edimburgo. Bem antes da consagrada série infanto-juvenil, a cidade já possuía uma grande tradição animista, ainda hoje há uma série de referências à bruxaria e magia em todo o centro antigo. Igor Queiroz, pesquisador que trabalha hoje neste limiar entre história da literatura infantil e história do urbanismo, chegou a encontrar uma página web dedicada a Geddes em um site de excursões Harry Potter pela cidade (pottertour.co.uk), onde Geddes é apresentado como “Father of Urban Planning & Wizard of Light”, neste texto, o “mago” Geddes chega a ser comparado com Dumbledore e Edimburgo com Hogwarts. A página em questão cita a Outlook

Tower, a Camera Obscura (ao ver sua mesa/tela branca Queiroz relacionou com a penseira do jovem mago onde ele atualizava memórias), o University Hall, a Riddle's Court, os Ramsay Gardens (onde eram feitas várias das fotografias de grupo dos summer schools) e até mesmo sua experiência indiana (com direito a uma citação do livro de Tyrwhitt). Ao final do texto ainda encontramos uma surpreendente homenagem de sua filha, Norah: "The Wizard's Tower of Patrick Geddes/I know an old house, a tall house, a stone house/that stands upon a narrow street,/Yet looks from hills to sea./If up its stairs you clamber, from chamber to chamber/It may be you find your feet/Can never more be free/For if you meet the Enchanter there,/With searching eye, unruly hair,/He'll put a spell upon you,/A strange compulsion on you,/And if you do not come down again/'Tis by another stair./A stair that leads to no fair meads/Of Indolence and Ease,/But thought the maze/Of thought for days,/Till new ideas hum like bees,/And the time is come for Deeds!"

- ¹¹ Geddes opõe a era paleotécnica à era neotécnica em vários textos, ver por exemplo o capítulo 4 de *Cidades em Evolução*: "Paleotécnica e Neotécnica" (p. 65 a 76, da edição brasileira).
- ¹² "Essa estrutura caleidoscópica não pode de forma alguma se deixar ser reduzida a um procedimento específico. O caleidoscópio, em Benjamin, é um paradigma, um modelo teórico. Ele surge, de forma significativa, no contexto onde é questionada a estrutura do tempo. Sob o ângulo da variedade cintilante de suas combinações, o

caleidoscópio caracterizará, por exemplo, a modernidade segundo Benjamin”. Georges Didi-Huberman In: “Connaissance par le kaleidoscope. Morale du joujou et dialectique de l’image selon Walter Benjamin”, *Études Photographiques. Par les yeux de la science/Surréalisme et photographie*, No 7, 2000 (tradução e grifos nossos).

- ¹³ Como Walter Benjamin escreveu em um dos fragmentos de seu trabalho sobre as passagens parisienses: “O ‘moderno’, porém, é tão variado como os diferentes aspectos de um mesmo caleidoscópio” (2009, p. 587).
- ¹⁴ As “imagens de pensamento” foram escritas por Benjamin em paralelo a seu livro-montagem, publicado em 1928, “Rua de mão única” (*Einbahnstrasse*, retomaremos a discussão sobre esse livro no *Intermezzo*), a maioria foi publicada em jornais e revistas entre 1925 e 1934, e reunidas após sua morte em um volume chamado *Denkbilder* (Imagens do Pensamento). Sabrina Sedlmayer escreveu na orelha da última versão brasileira (2013): “Entre caminhadas e passeios por espaços diversos, o autor berlinense oferece, nos textos aqui reunidos, não apenas a deambulação de um *flâneur* destituído de mapa, mas também muito de seu próprio método de trabalho: as imagens de pensamento (*Denkbilder*), que estão presentes nas percepções, nos relatos, nas visões e, sobretudo, nas análises inquiridoras acerca da atmosfera intelectual de uma Europa ameaçada por severas contradições políticas”. Essa forma de escrever por fragmentos como um “gênero” de escrita não foi uma exclusividade de Benjamin, outros autores próximos a Benjamin, dessa

época, também recorreram a essa forma sobretudo em suas crônicas de jornal e pequenos ensaios, como Siegfried Kracauer (que usa um termo interessante para designar suas imagens de pensamento urbanas: “Miniaturas urbanas”) ou ainda Bloch, Brecht, Adorno e Horkheimer. Segundo Georges Didi-Huberman (2017, p. 30, tradução nossa): “A imagem de pensamento é, muitas vezes, algo bem simples ou bem ‘menor’, até mesmo minúsculo, que nos toca por sua intensidade concreta, imediata e, ao mesmo tempo, sintomática”. Gerhard Richter, por sua vez, considera a *Denkbild* um gênero menor, um tipo de miniatura que “codifica uma forma poética da escrita condensada, epigramática em instantâneos textuais, iluminando-se como meditações pungentes que, via de regra, focalizam um detalhe ou tópico marginal, normalmente sem um enredo ou uma agenda narrativa obrigatória, no entanto carregados de intuição teóricas” (2017, p.12).

- ¹⁵ Trabalhamos com essa ideia do caleidoscópio (com Washington Drummond) no capítulo “Caleidoscópio: processo pesquisa” (p. 11-28) no tomo 1 de “Experiência Apreensão Urbanismo” da coleção “Experiências metodológicas para compreensão da cidade contemporânea” (2015). No tomo 4, “Memória Narração História”, dessa mesma coleção, desenvolvemos também a ideia de montagem no capítulo “Montagem urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo” (p. 47- 94).
- ¹⁶ Os arquivos de Warburg se encontram no *The Institut Warburg*, ligado à *University of London*. O arquivo preserva todo o material de

trabalho e inúmeros papéis de Warburg e de outros intelectuais que passaram pelo Instituto, como Fritz Saxl (1890-1948), Gertrud Bing (1892-1964), Frances Yates (1899-1981), Ernst Gombrich (1909-2001), Otto Kurz (1908-1975). Podemos encontrar também no Instituto imagens, como as mais famosas do Atlas, a coleção de suas “index card boxes” (caixas onde Warburg guardava seus fichamentos) e toda sua correspondência pessoal e institucional. Há uma listagem dos textos de Warburg não publicados, ou postumamente publicados, disponível na edição de 1986 da biografia escrita por Gombrich. O prédio da KBW em Hamburgo foi recentemente reformado e reaberto como *Warburg-Haus*, um novo instituto da *Universität Hamburg*, que pode ser visitado, apesar de a coleção da biblioteca permanecer em Londres. Na *Warburg-Haus* há um arquivo com a história do famoso *Kunstgeschichtliches Seminar* (com notas de leitura de vários intelectuais locais, como Ernst Cassirer) e do próprio prédio construído para abrigar a biblioteca Warburg. Com relação a Geddes, a situação é bem mais dispersa, com arquivos distribuídos entre a *National Library of Scotland* em Edimburgo (*The Geddes Papers*); a *University of Strathclyde* em Glasgow (*The Geddes Papers*); a *Rutgers University Library* em New Jersey, EUA (*The Geddes collection*); além de todos os arquivos nas diferentes municipalidades de cidades onde ele trabalhou como urbanista no Reino Unido, na Irlanda, na Índia e em Israel, como os *Geddes Papers* no *Central Zionist Archives*, em Jerusalém.

- ¹⁷ São vários artigos científicos publicados com J. A. Thomson e alguns livros mais voltados para questões do campo da biologia: *The*

evolution of sex, publicado em 1889; *Evolution*, publicado em 1911; *Sex*, publicado em 1914, *Biology*, publicado em 1924 e *Life*, publicado em 1931.

- ¹⁸ Com V. Branford, fundador da *Sociological Society*, Geddes editou vários livros na coleção criada por eles “The Making of the Future Series” (editora Williams & Norgate, de Londres) sendo que dois destes foram escritos pelos dois em parceria: *The Coming Polity: A Study in Reconstruction*, publicado em 1917 e *Our Social Inheritance*, publicado em 1919. Nessa mesma coleção, Geddes também publicou um livro com Gilbert Slater em 1917: *Ideas at War*.
- ¹⁹ Como na publicação do *The Civic Survey of Edinburgh* ou ainda no catálogo da exposição *Cities and Town Planning Exhibition Guide Book and Outline Catalogue*, ambos de 1911.
- ²⁰ Apesar de ter estado bem próximo de pensadores antiurbanos bem conhecidos, críticos da cidade grande, como Ebenezer Howard e Piotr Kropotkin, Geddes (como seu amigo em comum com Kropotkin, Élisée Reclus), ao contrário, sempre defendeu a cidade e o modo de vida urbano, buscando somente melhorá-los. Até mesmo a noção de “conurbação”, quando Geddes a criou, ainda não era uma ideia pejorativa. A crítica de Geddes e de seus amigos anarquistas era sobretudo contra as condições de vida, sobretudo da classe trabalhadora, na cidade industrial daquela época: profundamente desiguais, segregadoras, insalubres, poluídas, etc. A crítica era contra o progresso tecnicista a todo custo, o que ele

chamou de era paleotécnica, e não contra as cidades ou o modo de vida urbano, que ele valorizou tanto.

- ²¹ Mumford ajudou a fundar a *Regional Planning Association of America* em 1924 e foi seu secretário. Seu foco de interesse era a questão regional, contra o desenvolvimento metropolitano, atrelada a uma defesa da descentralização em prol de cidades menores como as bucólicas cidades-jardins inglesas, isso pode ser visto por exemplo no filme documentário produzido pela *American Institute of Planners*, de 1939, *The City*, uma ideia da Catherine Bauer com roteiro de Lewis Mumford (adaptado de Pare Lowentz), apresentado na exposição “City of Tomorrow”, da Feira Mundial de Nova Iorque, que coloca as grandes cidades como um caos a ser combatido. Sua crítica (ao livro recém-lançado de Jane Jacobs *The Death and Life of Great American Cities*) “The Sky Line. Mother Jacobs’ Home remedies”, por sinal bastante machista e higienista desde o subtítulo, em sua coluna do *The New Yorker* em 01/12/1962 também explicita essa mesma posição: “Mrs Jacobs’ most original proposal, then, as a theorist of metropolitan development is to turn its chronic symptom of disorder – excessive congestion – into a remedy, by deliberately enlarging the scope of the disease (...) Mrs Jacobs’ concern for the smallest unit of urban life is, then, pertinent and well directed. Unhappily, the main tendency of the metropolitan economy she adently supports is to turn all business over to big commercial enterprises (...) Mrs Jacobs innocently believes that complexity and diversity are impossible without the kind of intense congestion that in fact been emptying the big city (...) A quick,

purely local answer to these problems is no better than applying a homemade poultice for the cure of cancer. And that, I am afraid, is what the more original proposals of “The Death and Life of Great Americans Cities’ come to” (p. 168 - 179).

- 22 “De A. Warburg a E.H.Gombrich, Notas sobre um problema de método” In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das letras, 1986.
- 23 Sobre as mulheres do *Geddes Circle*, ver o livro organizado por Walter Stephen *Learning from the Lasses. Women of the Patrick Geddes Circle*. Edimburgo: Luath Press, 2014.
- 24 Sobre o *Collège des Écossais* em Montpellier, ver o número especial, de novembro de 1992, dedicado a Geddes da revista *Le Carré Bleu. L’actualité de Patrick Geddes, biologiste – éducateur – urbaniste*. Montpellier Expositions, Rencontres a l’École d’Architecture, au Collège des Écossais.
- 25 Como bem explica Didi-Huberman, “Somente na quinta edição de seu livro Darwin fez intervir a expressão spenceriana ‘sobrevivência do mais apto’ (...) Falar dessa maneira é reduzir a seleção à sobrevivência: os mais aptos, os mais fortes sobrevivem aos outros e se multiplicam. A ideia de que essa lei possa concernir ao mundo histórico ou cultural é de Spencer, não de Darwin, que via na civilização, antes, uma forma de nos opormos à seleção natural – de nos ‘desadaptarmos’” (2013 [2002], p. 55).
- 26 Transcrevemos a carta completa: “I have read several of your biological papers with great interest and I have formed, if you permit

me to say so, a high opinion of your abilities. I can entertain no doubt that you will continue to do excellent service in advancing your knowledge in several branches of science. Therefore I believe that you are well fitted to occupy any chair of natural history, for I am convinced that example is fully as important as precept for students (carta manuscrita de 27 de março de 1882, disponível na *National Library of Scotland*).

²⁷ Tylor, primeiro professor universitário de antropologia, em Oxford (1884), também foi rotulado como evolucionista e darwinista social, ao lermos sua definição de cultura (considerada a primeira dada por um antropólogo) no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive culture*, de 1871, parece claro que sua preocupação era mais com a herança cultural (adquirida) do que com a biológica (da antropologia física): “taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of a society”. (1920 [1871], p. 1). *Primitive Culture. Researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and, custom*. London: John Murray. 1920.

²⁸ Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), a maior organização transnacional (formada e sediada na Europa) do movimento moderno em arquitetura e urbanismo. Nas palavras de Françoise Choay: “a partir de 1928 o modelo progressista encontra seu órgão de difusão num movimento internacional, o grupo dos CIAM, em 1933, esse grupo propõe uma formulação doutrinária sob o nome de *Carta de Atenas*” (2013 [1965], p. 20).

²⁹ Jane Jacobs, sim, foi uma crítica do urbanismo progressista nos anos 1960, dentro de um já considerado “pós-modernismo” norte-americano. Mas ela também não conseguiu reconhecer em Geddes um aliado do passado, descrevendo-o em seu livro como um mero representante da “cidade-jardim”. Sendo que, como explicou Peter Hall: “a visão da cidade regional, que leva o tema central de Howard [da cidade jardim] muito além, conceitual e geograficamente (...) foi desenvolvida pelo biólogo escocês Patrick Geddes logo após 1900, e interpretada durante os anos 1920 pelos membros fundadores da Regional Planning Association of America: Lewis Mumford, Clarence Stein e Henry Wright, já citados, mais Stuart Chase e Benton MacKaye” (p. 27).

³⁰ Sobre o Team X, por vezes grafado como Team 10 (sobretudo após a dissolução, ou o “enterro” que chegou a ser encenado pelo Team X, do CIAM, em 1959), ver Risselada, M., Van den Heuvel D. (org.) *Team 10, in search of a utopia of the present*. Rotterdam, NAI Publishers, 2005; Barone, A. *Team 10, arquitetura como crítica*. São Paulo, Anna Blume, 2002. Também tratamos do grupo, em comparação à Internacional Situacionista, na apresentação do livro *Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Segundo Alison Smithson, a principal porta voz do grupo após a dissolução do CIAM (em *Team 10 meetings*, 1991): “As to people who are interested in Team 10, Team 10 might ask a few of serious questions: ‘Why do you wish to know?’ ‘What will you do with your knowledge?’ ‘Will it help you regenerate the language of Modern Architecture so that it would again be worth inheriting?’”.

³¹ A famosa Carta de Atenas é uma síntese dos debates do CIAM IV sobre a Cidade Funcional, a bordo do Patris II entre Marselha e Atenas em 1933. A Carta mais conhecida foi publicada dez anos depois durante a ocupação alemã de Paris por Le Corbusier (como se sabe hoje, colaborador do regime nazista de Vichy), como um tipo de receituário (ou, segundo seus termos, pontos de doutrina) mas sem sua assinatura. Outra versão da Carta é publicada ao final do livro *Can our cities survive?* organizado por Sert, já exilado nos EUA. O texto final do livro de Sert não difere muito do texto corbusiano mas, ao contrário da versão francesa, o livro de Sert é totalmente ilustrado com fotografias das cidades norte-americanas da década de 1940, algumas são claras condenações das condições dos *slums*, dos bairros mais pobres, e outras, como as que mostram gigantescos conjuntos habitacionais, estacionamentos, viadutos e autoestradas, poderiam ser vistas como uma pré-materialização norte-americana, muitas vezes desastrosa, de alguns dos princípios urbanísticos propostos como novidade pela Carta. O que a Carta propunha parecia já ter sido feito nos EUA, sem grande sucesso, em particular a *slum clearance* (erradicação de favelas e cortiços) praticada durante o New Deal norte-americano. Outras versões da Carta, anteriores às versões francesas (uma versão corbusiana reduzida já existia desde seu “Pavillon des Temps Nouveau” de 1937) e norte-americana, foram publicadas em revistas, de menor circulação, na Espanha e na Grécia. Para algumas traduções da Carta no Brasil ver também (outras) *Cartas de Atenas, contextos originais*. Salvador: Quarteto, 2002, organizado por Antônio Heliódório Lima Sampaio.

³² Volker Welter faz uma boa análise da apropriação feita pelo Team X do diagrama de Geddes no texto “In-between space and society”: “Team 10 resorted to a key elemento of Geddes’s theory when it illustrated the Doorn Manifesto, which incidentally was produced in the year of Geddes’s centenary, with a rendering of the Scotsman’s Valley Section diagram. The latter the group reinterpreted in three ways. First, as a depiction of a social structure of human societies; second, as a model for architectural interventions based on that structure; and third, as a conceptual tool that redirected the architect’s gaze away from universal planning assumptions and toward specific localities. This reinterpretation was entirely consistent whit the legacy of Geddes who never regarded the Valley Section as a planning unit or as a proposal for future settlements patterns. (...) Futhermore, the diagram delineates Geddes’s ecological approach to human societies (...) Closely following Geddes, Team 10 read it as a symbolic social and urban order that grew out of the interaction of human societies with their physical environment”. In: Risselada, M., Van den Heuvel D. (org.) *Team 10, in search of a utopia of the present*. Rotterdam, NAI Publishers, 2005, p. 258-263.

³³ Há uma proposta de escala que usa os termos *City, Town, Village, Isolate*, mas também, na *Grid* de 1953 *House, Street, Relationship, District, City*. A ideia era mostrar que as associações humanas incluem as diferentes funções que coexistem em diferentes escalas. Como escreveu Alison Smithson: “We are of the opinion that such hierarchy of associations should replace the functional hierarchy

of the 'Charte d'Athènes'(...) It is important to realise that the terms used: Street, District, etc are not to be taken as the reality but as the idea and that it is our task to find new equivalents for these forms of association in our new, non-demonstrative society" In: *The emergence of Team 10 out of CIAM*. Londres, Documents, 1982.

- ³⁴ O desenho inicial da capa de Herbert Bayer, com uma estranha imagem de um esqueleto humano e uma fotografia de cidade americana ao fundo, e o título proposto por Sert – “Should our cities survive?” – foram ambos recusados pela editora de Harvard.
- ³⁵ Mumford, ao se recusar a escrever a introdução do livro, respondeu geddesianamente a Sert: “The four functions of the city do not seem to me to adequately to cover the ground of city planning: dwelling, work, recreation, and transportation are all important. But what of the political, educational, and cultural functions of the city (...) I regard their omission as the chief defect of routine city planning; their absence from the program of the CIAM I find almost inexplicable. Unless some attention was paid to this as a field, at least, for future investigation, I should find it very difficult to write the introduction that you suggested”. Mumford L., correspondência para Sert J.L., de 28 de dezembro de 1940, apud Mumford E. *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2000. p. 133.
- ³⁶ A festa de encerramento desse encontro aconteceu no terraço-jardim da nova *Unité d'Habitation* projetada por Le Corbusier, em Marselha. Essa volta a Marselha, de onde havia saído o Patris II em

direção a Atenas, em 1933, pode ser vista como um fechamento de ciclo. Foi também a despedida de Le Corbusier, que não participou dos encontros seguintes já completamente dominados pela nova geração do Team X.

- ³⁷ O primeiro capítulo da excelente dissertação de mestrado de Igor Queiroz, “Brinquedo e brincadeira. Fabulações entre criança, cidade e urbanismo” (PPG-AU/FAUFBA, 2018), trata precisamente deste tema.
- ³⁸ Em 1943 e 1944 a socióloga Ruth Glass, colega de Tyrwhitt na *Association for Planning and Regional Reconstruction*, realizou um importante *social survey* desse bairro londrino. Parte do trabalho foi publicada no artigo “Social Aspects of Town Planning” na *Architectural Review* 97, março 1945. As imagens do bairro usadas pelo casal Smithson foram feitas por um colega deles do *Independent Group* (grupo artístico londrino fundado em 1952, que se reunia no ICA, *Institute of Contemporary Arts*), Nigel Henderson, envolvido com o bairro desde 1945 por intermédio de sua companheira, Judith Stephen, antropóloga que realizou trabalhos etnográficos com os habitantes do bairro.
- ³⁹ A grade Team X, na verdade, não era um modelo fechado, uma vez que era singular para cada situação, como o *Survey* geddesiano, só tendo como princípio a manutenção dessa ideia de escala de associações humanas. No encontro de 1953, por exemplo, foram apresentadas várias possibilidades distintas: *Urban Re-Indentification Grid* dos Smithsons, *Habitat du grand nombre Grid* do GAMMA, *Bidonville*

Mahieddine Grid do grupo de Alger, entre outras. Segundo Welter: “the selective adaptation of both Geddes’s Valley Section and his visual-analytic approach to the city allowed Team 10 to emphasize that their version of architecture and urbanism, while modern, was nevertheless capable of integrating the existing social order of a specific place and society”. In: Risselada, M., Van den Heuvel D. (org.) *Team 10, in search of a utopia of the present*. Rotterdam, NAI Publishers, 2005. p. 262.

⁴⁰ A partir de 1947, a grade Ascoral, que dividia os dados recolhidos sobre projetos urbanos ou cidades nas quatro funções da Carta de Atenas corbusiana, foi considerada como a *CIAM Grid*, seu criador e defensor, Le Corbusier, explicava na “Description of the CIAM Grid”: “When one is face to face with an actual town planning problem, the mass of material is very complicated. One has to put this in order, and therefore one proceeds to construct a mental architecture among the chaos” In: Tyrwhitt, J. (org), *Heart of the City*. Londres: Lund Humphries, 1952.

⁴¹ “Behind all this... an echo of Patrick Geddes” In: Walsh V., Henderson N. *Parallel of Life and Art*. Londres: Thames & Hudson, 2002.

⁴² Em agosto de 1963, essa experiência foi apresentada no número especial da revista *Architectural Design* editado por Turner com título *Design Dwelling Resources in South America*. Turner explicou a proposta do número: “The content of this issue is of far more than local or regional importance; the themes which these projects and

achievements illuminate are of universal significance. Yet they have been almost wholly ignored – with the partial exception of the sensational squatter settlements, and these have been seriously misrepresented, both in their own countries and abroad”.

- ⁴³ Aproveitamos para agradecer novamente a Georges Didi-Huberman pelo incentivo dado em diferentes conversas informais para exercitarmos essa evocação do fantasma de Patrick Geddes, que ele não conhecia até então, a partir de seu trabalho de atualização das ideias de Aby Warburg.
- ⁴⁴ Passagem original: “Assim seria Warburg nos dias atuais: um sobrevivente urgente para a história da arte. Nosso *dibbuk*. O fantasma de nossa disciplina, falando-nos a um tempo de seu (nosso) passado e de seu (nosso) futuro” (Didi-Huberman, 2013 [2002], p. 30).